

Marcílio Godói; Cláudio Reis. *João e o pé de Sertão: O infinito de Rosa pela Languageira*. Belo Horizonte: Editora Miguilim, 2022. 120 pp.

João e o Pé de Sertão: O infinito de Rosa pela Languageira (2022), da Editora Miguilim de Belo Horizonte, é feito a quatro mãos: os textos de Marcílio Godói e os desenhos a nanquim de Cláudio Reis fazem as duas metades integradas do livro. Marcílio Godói é mineiro e, tendo atuado também como arquiteto, capista e jornalista, é autor de obra rica e variada na qual se destaca o livro de crônicas *Frágil Recompensa*, de 2018.

Fundamentalmente híbrido, *João e o Pé de Sertão* não apenas combina arte visual e literária, mas também oscila entre a prosa e a poesia e mistura gêneros como o conto de fadas e o glossário. À primeira vista, trata-se de uma celebração, apresentando-se como uma “fantasia escrita e ilustrada sobre o imaginário de João Guimarães Rosa”. Porém, *João e o Pé de Sertão* vai muito além, apresentando um ensaio crítico/gráfico sobre a matéria e os procedimentos literários do autor mineiro, ainda que o texto esteja completamente despido do jargão crítico que não é estranho a Godói, que é doutorando em literatura na USP. O ensaio compõe-se de fragmentos curtos, 50 verbetes ilustrados, cuidadosamente costurados. Juntos, esses verbetes tecem variações em torno de uma “languageira”, imaginária árvore frondosa feita de palavras, representação, ao mesmo tempo, das fontes que o “rapazinho atento” (p. 12) busca com “lápis e caderneta” para criar “aquele infinito de nunca dizer chega” (p. 13) e a obra escrita como um todo, vista como um organismo vivo em constante crescimento/metamorfose a partir do contato renovado com os leitores.

A seleção dos verbetes inteligentemente oferece uma ampla rede de abordagens à obra de Guimarães Rosa. Alguns verbetes partem de expressões/conceitos roseanos (vereda, nonada, tutaméia, bis-ver, travessia, pacto etc.); outros, de personagens (Miguilim, Nhinhinha, Sôroco, Riobaldo, Matraga, Diadorim etc.), de lugares (Mutum, Sertão, Socavão, Gerais, Liso do Sussuarão, etc.), de textos (*Sagarana*, *Grande Sertão: Veredas*, “A

terceira margem do rio”, “Sarapalha” etc.) e de temas (poesia, bichos e plantas e coisas escrevem, conto popular, infinito, etc.) caros ao autor mineiro. O projeto gráfico é primoroso, valorizando tanto as expansivas ilustrações de Reis (que descrevem e ampliam os verbetes) quanto a própria costura do livro em verbetes cujas palavras finais servem de título para o verbete seguinte. Em *João e o Pé de Sertão*, prosa e poesia se misturam por completo, cognição e apreensão poética juntas para chegar a uma leitura que dá conta assim de acompanhar a potência da experiência de ler a obra literária de João Guimarães Rosa.

Busca-se uma integração íntima entre o escrito “buscando fotogramas” de Godói e o “desenho palavreado, palavra desenhada” do “ilustrador” Reis. Assim como os textos vão se encadeando uns aos outros, os desenhos, sempre postos lado a lado com o texto quando o livro se abre, vão se transformando ao olhar atento do leitor. A costura da edição facilita essa leitura, com cada duas páginas completamente abertas formando um grande painel retangular. Técnicas como rabiscos e hachuras vão confundindo as fronteiras entre palavras e figuras desenhadas, com os desenhos amiúde invadindo a página do texto. As ilustrações favorecem uma dupla leitura: a linguagem é frequentemente desenhada com folhas que são infinitos (∞) e raízes, tronco e galhos feitos de palavras (p. 13, 101, 115); um sol é um redemoinho (p. 63); outro sol guarda um rosto que nos encara (p. 42); animais entrelaçados formam corpos humanos (p. 73); o cano de uma espingarda se transforma em uma cobra (p. 74). Trechos de Guimarães Rosa são escritos/desenhados em letra cursiva miúda que ora se transforma em contorno, ora preenche espaços, formando pássaros (p. 49), sombras (p. 64), corpos (p. 87), estrelas e nuvens (p. 90) ou borboletas (p. 96-97). Os desenhos ao mesmo tempo reforçam os laços entre verbetes. Por exemplo, paisagens e palavras formam uma imensa cobra que ilustra o verbete “Sagarana” (p. 92-3) e em “Sarapalha”, o verbete seguinte, elas formam um sinuoso rio visto se espraiando ao longo de vasta paisagem.

Marcílio Godói nos adverte já no texto de apresentação de seu livro que “nada se esgota, pois este é um livro feito só de começos” (p. 11). De fato, esse curioso livro não busca uma síntese definitiva que unifique inequivocamente as ideias e temas desenvolvidos nos verbetes. Ao final da leitura extasiada de *João e o Pé de Sertão – O infinito de Rosa pela Linguageira*, transborda a poesia e amor de Guimarães Rosa pelo mundo que lhe serviu de matéria, poesia e amor que ele concretou numa obra única, cada vez mais necessária. E

redobra no leitor, antes de qualquer coisa, a vontade de ler e reler a obra do autor de *Grande Sertão: Veredas*.

Paulo Moreira